



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9194 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

SOCIOPOETIZANDO COM PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO PARA “CURIOSEARES” POSSÍVEIS COM AS JUVENTUDES

Nara Rosane Machado de Oliveira - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

Nara Ramos - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

SOCIOPOETIZANDO COM PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO PARA “CURIOSEARES” POSSÍVEIS COM AS JUVENTUDES

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma reflexão extraída de uma pesquisa de mestrado em uma Universidade Federal do sul do país que investigou possíveis preconceitos relacionados às juventudes nas práticas de ensino de professores de Ensino Médio, em escola pública da periferia de um município fronteiriço do sul do Brasil, na perspectiva de discutir a inclusão social de todos, no contexto escolar. Pesquisa social qualitativa, do tipo estudo de caso e, como metodologia de desenvolvimento, utilizou os pressupostos da sociopoética. Realizou-se entre agosto e dezembro/2018. Foram sujeitos do trabalho quatorze professores do Ensino Médio, de várias áreas do conhecimento. Como alguns dos resultados do processo investigativo, destacamos que as práticas de ensino dos professores são construídas a partir de muitos saberes que são agregados no caminhar do ensino/aprendizagem/ensino de todos os envolvidos, que preconceitos ficam diluídos na desconstrução que carecem ter, uma vez que as juventudes constituídas são consideradas e recebidas como “elos com” saberes, cultura, identidade; evidenciando o papel crítico e transformador no pensar do professor.

Palavras-chave: Inclusão social. Juventudes. Professores. Sociopoética.

PALAVRAS PRIMEIRAS

Existir humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modifica-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. (FREIRE, 2017, p. 108)

Este trabalho é oriundo de estudos e reflexões que deram subsídios a uma pesquisa a nível *stricto sensu* para o Curso de Mestrado Acadêmico em Ensino de uma Universidade Federal do sul do país. Pronunciamos aqui parte de nossas reflexões construídas no diálogo com professores do ensino médio trazendo as discussões e construções na temática da inclusão social relacionada diretamente ao ambiente de trabalho e práticas de ensino

aprendizagem cotidianos da realidade docente dos participantes.

Compreendemos como Freire (2017), que o diálogo é um fenômeno humano que se revela e se faz pela palavra. Palavras que em seu papel de dialogicidade assumem duas dimensões: ação e reflexão em interação. “Não há palavra verdadeira que não seja práxis”. (FREIRE, 2017, p. 107), desta forma ao abrirmos discussões sobre in/exclusão social em educação, estamos também percebendo questões que as entrecruzam tais como: preconceitos, periferias, práticas pedagógicas e suas construções de saberes, escola e juventudes, e queremos crer que estamos nos pronunciando **com** o outro e nesse pronunciar queremos problematizar um diálogo que nos possa evidenciar que, enquanto homens, fazemo-nos na palavra, na reflexão-ação, no trabalho. Entendemos que “dizer a palavra não pode ser privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens”. (FREIRE, 2017, p. 109).

Todos os diálogos formaram parte da pesquisa que foi organizada no formato de uma pesquisa social qualitativa, do tipo estudo de caso e, como metodologia de desenvolvimento, utilizou os pressupostos da sociopoética. Teve, como campo de investigação, uma instituição escolar pública, da rede estadual de ensino, que oferece a etapa do Ensino Médio, localizada na periferia do referido município, no período de agosto a dezembro do ano de 2018. Foram sujeitos do trabalho quatorze (14) professores do Ensino Médio, de várias áreas do conhecimento e, os dados construídos foram analisados também com base nos pressupostos da sociopoética, sendo eles análise por categorização, estudos transversais e o estudo filosófico.

A seguir apresentamos metodologia, discussões, resultados e breves considerações finais que nos colocam a “curiosear”^[1] novos horizontes.

O caminhar metodológico, as discussões e os resultados

Pesquisa social qualitativa, do tipo estudo de caso (LUDKE, ANDRE, 2017) adotando como abordagem metodológica de desenvolvimento os pressupostos da sociopoética (GAUTHIER, 2012):

enfermagem e educação, com possibilidades de aplicação no ensino e na aprendizagem, que segue cinco orientações básicas: a) instituição do dispositivo do **grupo-pesquisador**^[2]; b) a valorização das culturas dominadas e de resistência; c) os sociopoetas pretendem pensar, conhecer, pesquisar, aprender com o corpo inteiro; d) sociopoetas colocam em jogo capacidades criadoras que mobilizam o corpo inteiro e revelam fontes não conscientes de conhecimento; e) os sociopoetas insistem na responsabilidade ética, política, ética e espiritual do grupo-pesquisador, em todo momento do processo de pesquisa. (GAUTHIER, 2012, p. 73-75, *grifo* nosso).

Os diálogos com os professores aconteceram em cinco sessões^[3], onde as temáticas eram amplas. Para essa discussão abordamos a inclusão social, as juventudes e o trato com o preconceito premente.

Assim o grupo-pesquisador ao construir que inclusão social era “*trajeto de caminhos a serem percorridos em constante luta para manter e avançar nas conquistas onde somente sendo grupo se consegue andar.* (GRUPO-PESQUISADOR, 2018) corroboramos nosso entendimento a partir dos pressupostos de Mittler (2001, p. 61) para quem “a inclusão é um caminho a ser trilhado, mais do que um destino, um processo mais do que um objetivo a ser atingido” e que por sua complexidade nos proporciona uma riqueza ininterrupta e crescente de saberes, compreensões e significados, o que nos permite pensar que “*La educación inclusiva es fundamental para lograr la equidad social y es un elemento constitutivo del aprendizaje a lo largo de toda la vida.*” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA

A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2009, p. 4).

Compreendendo que a inclusão social é necessária para uma “equidade social”; estando com professores de distintas áreas do conhecimento, em seu ambiente diário de trabalho, percebemos como o caráter dialógico (FREIRE, 2017) da formação fica evidenciado em que através do diálogo e das palavras um constrói com o outro novas informações e conhecimentos, que compartilhados em grupo geravam novas construções de saberes (CHARLOT, 2000). Uma relação entre os professores reverberada diretamente aos estudantes do ensino médio, seus alunos com quem também constroem.

Nas suas construções trazem seus alunos como “*elo com cultura, conhecimento*” (PMER14, 2018, *grifo* nosso), o que permite a compreensão dos estudantes da escola participante para aquele grupo de professores como juventudes constituídas a quem devem oferecer o seu melhor para que possam criticamente construir seus caminhos, ratificando nosso entendimento quando dialogamos com CARRANO (2000):

[...] categoria histórica e social que para ser compreendida necessita ser considerada em suas múltiplas dimensões. Assim, juventude, no singular, expressaria uma condição geracional ou populacional; no plural, juventudes, situar-se-iam os sujeitos em face da heterogeneidade de classe, gênero, cor, credo, enfim, da diversidade de condições em que os jovens produzem suas identidades. Nessa perspectiva entende-se que a identidade juvenil não é dada simplesmente pela idade biológica ou psicológica, mas configura-se a partir de um processo contínuo de transformação individual e coletiva. (CARRANO, 2000, s/p).

Nos caminhos da pesquisa o “processo contínuo de transformação individual e coletiva” era vivenciado pelos professores em formação ao mesmo tempo que as relações com os saberes de cada um deles se entrelaçava na construção de conhecimentos novos e/ou renovados enquanto grupo, enquanto corpo docente daquela instituição, a qual temas como a inclusão social e suas interfaces, são pensados para além de somente processos e caminhos, mas como atos políticos e de resistência para uma educação que abrem possibilidades, permitem a participação e estão conectados às condições de existência de todos e de cada um, sobretudo porque estão estabelecidos em zonas periféricas[4] ou à margem[5]. O lugar de fala e trabalho dos participantes revela que os alunos “*chegam aqui nesta escola de periferia, que por estar aqui e acolher o ensino médio também sofre preconceito, por parte da comunidade, alguns pensam que aqui é menos importante o ensinar, ou que não somos bons o suficiente para dar aulas*” (PEMR06, 2018), e vão revelando que ensinar e aprender é uma (des)construção diária, uma vez “[...]Falar mal é fácil, então nós temos que mostrar para eles que essas coisas ruins existem, mas que não nos definem no mundo. A gente pode mudar as coisas (PEMR08, 2018)

Revelam a necessidade de apropriação dos conhecimentos validados como científicos que forneçam argumentos construtivos e reflexivos, pois abemos que sempre houve, há e haverá em cada cidade os lugares “desgraçados” por sua localização geográfica, seu contexto histórico-social, sua “invisibilidade governamental”, e, há em todos os espaços de cada cidade pessoas “desgraçadas” por suas certezas, por suas arrogâncias, suas demandas pessoais, suas lutas pelo poder e seu tão somente estar, sem sentir-se pertencer.

Como professores/pesquisadores cabe refletir com as Professoras Dalcastagnè; Tennina (2019, p. 9 , *grifo* meu) citando Gombrich (1995), quando dizem que “**o olhar não dobra a esquina**”, somos nós que temos que dobrar, “para ver o que os olhos não alcançam” ampliando nossa perspectiva sobre narrativas que revelam um outro Brasil, que se apresenta “descompensado, despreparado, violento, mas também alegre e esperançoso”, para que possamos desconstruir preconceitos como o fazem os professores que conosco caminharam, pois como nós compreendem preconceito como “[...] *Un sentimiento favorable o*

desfavorable, con respecto a una persona o cosa, anterior a una experiencia real o no basado en ella.” (ALLPORT, 1971, p. 21), e, portanto, apto a novas e renovadas desconstruções continuadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever esse breve texto nosso objetivo foi apresentar uma reflexão extraída de uma pesquisa de mestrado em uma Universidade Federal do sul do país que investigou os preconceitos relacionados às juventudes nas práticas de ensino de professores de Ensino Médio, em escola pública da periferia de um município fronteiriço do sul do Brasil, na perspectiva de discutir a inclusão social de todos, no contexto escolar o que nos revelou muitas possibilidades.

Como alguns dos resultados do processo investigativo, destacamos que as práticas de ensino dos professores são construídas a partir de muitos saberes que são agregados no caminhar do ensino/aprendizagem/ensino de todos os envolvidos, que os preconceitos ficam diluídos na desconstrução que carecem ter, uma vez que as juventudes constituídas da escola participante são consideradas e recebidas como “elos com” saberes, cultura, identidade; e, em nosso entendimento, evidenciaram o quanto o papel crítico e transformador no pensar do professor, pode desenvolver através de teorias e práticas reflexivas, atividades educativas de caráter emancipatório, reservando à educação escolar importante tarefa na transformação social.

Mais do que uma pesquisa, reuniu os professores em roda escutando-os a partir de seu *locus* de trabalho o que reafirma a possibilidade da formação em grupo, compreendendo, refletindo e compartilhando as inquietações oriundas do “chão da escola”, restaram-nos novas inquietações diretamente relacionadas às juventudes periféricas e suas relações de pertença ao ambiente escolar e comunitário, suas construções de significado e significante nos seus processos de ensino aprendizagem, que estão sendo sistematizadas em pesquisa de doutorado em andamento. Um “curiosear” com essas juventudes a quem também queremos escutar para novas tessituras possíveis na construção de conhecimentos.

Por fim, nestes tempos pandêmicos e de muitas incertezas políticas e sociais renovamos e fortalecemos nossa crença no poder da educação e constatamos que, mais do que nunca devemos resistir em prol de uma educação comprometida e libertadora na formação de todos e para todos.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, Gordon W. *La naturaleza del perjuicio*. Buenos Aires: EUDEBA Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1971.

CARRANO, Paulo. Juventudes as identidades são múltiplas. **Revista Movimento**, Rio de Janeiro, n 1, 2000. Disponível em: <http://www.revistamovimento.uff.br/index.php/revistamovimento/article/view/189>. Acesso em: 17 ago. 2019.

CASTEL, Robert. **Desigualdade social e a questão social**. 4 ed. São Paulo: EDUC, 2017.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DALCASTAGNÈ, Regina; TENNINA, Lúcia. **Literatura e periferia**. Porto Alegre: Zouk, 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GAUTHIER, Jacques. **O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais**. 1 ed. Curitiba/PR: CRV, 2012.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2017.

MITTLER, Penny; MITTLER, Peter. Rumo à inclusão. **Revista Pro-posições**, v. 12, n. 2-3 (60-74). Campinas, 2001. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643996>. Acesso em: 25 jun. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA - UNESCO. **Directrices sobre políticas de inclusión en la educación**. Paris: UNESCO, 2009. Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/metaspne/4-educacao-especial-inclusiva/estrategias/4-4-acesso/saiba-mais/diretrizes-sobre-politicas-de-inclusao-na-educacao-unesco-2009>. Acesso: 15 jun. 2018.

[1] DOWBOR, Fátima Freire. Quem educa marca o corpo do outro. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008. A autora apresenta a ideia de transformação da curiosidade em verbo como forma de ação e movimentos subjacentes a esse ato.

[2] Uma vez constituído o grupo-pesquisador, não se trata mais de um eu isolado, mas de um coletivo que formará o eu da pesquisa. Os confetos nascem como dados construídos coletivamente e aparecem durante o processo de análise dos dados pelo pesquisador, no momento da categorização dos dados e sobretudo no momento transversal da análise. (GAUTHIER, 2012, p. 79)

[3] Lugar constituído para discutir, significar, construir artisticamente, revelar medos, contrariar certezas, contradizer paradigmas. (GAUTHIER, 2012) Lugar onde diversas técnicas textuais, artísticas, cênicas são utilizadas para viabilizar a produção dos dados.

[4] Periferia, aqui tomada em oposição ao centro das cidades estabelecendo relações dialógicas de origem. (FERREIRA, 1986, p. 1310).

[5] À margem, aqui pensada na contrapartida da periferia, uma vez que a periferia é parte integrante das cidades, mas está à margem (abandonada, desprezada) e por isso, algumas vezes, é desconsiderada como possibilidade de construção e conhecimento. (FERREIRA, 1986, p. 1092).